

podem ser ante a justiça de Deus, senão provas assaz claras de que o Espírito vem às lutas da vida com feridas recebidas em anteriores combates? O que podem ser senão consequências de extravios e êrros persistentes da alma?

E, pois que não é possível conceber a culpa sem o culpado, preeexistindo a primeira, a preeexistência do segundo fica igualmente estabelecida e fóra de toda a dúvida.

Resumamos: O homem não é responsável por pecado em que não tomou parte pessoalmente, por sua livre vontade; logo, a teoria da igreja romana quanto á transmissão do pecado original, é evidentemente errônea.

A vida é uma demonstração palmar de que o homem vem ao mundo com responsabilidades inatas; logo, a alma humana em quem se faz efetiva tal responsabilidade é preexistente á sua união com o corpo.

Resulta daí que, além da vida presente, da existência atual, o homem deve ter tido outras existências solidárias, a cada uma das quais a alma traz a responsabilidade das faltas cometidas na anterior e os efeitos de suas fraquezas e extravios; existências de provas, de reparação e de purificação, destinadas a conduzí-la, de gráu em gráu, á perfeição e á felicidade, por seus merecimentos e virtudes.

XVIII

Consequências absurdas derivadas do dogma da existência única da alma. Reincarnação das almas.

Vejamos, agora, as consequências que resultam de aceitar-se a sorte definitiva da alma depois da morte; e, se tais consequências são ofensivas da justiça e da misericórdia de Deus, como poderá o verdadeiro cristão deixar de repelí-las por seus fundamentos?

Que Deus não faz exceção de pessoas, (São Paulo aos Colossenses, III, 25) disse o Apóstolo dos gentios; todos os homens são iguais em sua presença, e cada um recebe o fruto das suas obras.

Esta doutrina, que é a do colégio apostólico, a dos primeiros dias do Cristianismo, nos quais se respirava, em toda a sua pureza, o hábito divino do ensino de Jesus, é completamente incompatível com o destino definitivo das almas depois de uma única existência corporal.

Que aos olhos de Deus não há distinção de pessoas, comprehende-se claramente pelo simples bom senso; porque não pôde havê-la em sua justiça — e, em Deus, não se pôde supôr contradição, o que haveria se a sorte do homem fôsse definitivamente resolvida depois da morte. É o que nos propomos demonstrar.

No procedimento de cada um influe uma multidão de causas.

A idade — o sexo — o temperamento — as inclinações naturais — a saúde — o país em que se nasce — a educação — o talento — a posição social — e outras mil condições e circunstâncias contribuem para formar a moral do indivíduo e para dirigir sua vontade.

Essas causas estabelecem tal variedade entre os homens que, pôde-se afirmar sem receio de êrro, não há dois em condições de existência perfeitamente idênticas, em todo o gênero humano.

O princípio de tão notórias desigualdades entre os homens, de modo algum pôde ser atribuído a Deus; pois valeria por atribuir-lhe a exceção de pessoas de que fala o Apóstolo; donde a arbitrariedade e o capricho.

Como atribuirmos ao Sér Supremo essa desigualdade de condições, sem ofendermos a sua justiça?

Porque uns morrem em idade em que não puderam conquistar merecimentos, nem contrair responsa-

bilidades, ao passo que outros vivem longos anos e se fazem merecedores de castigos e de recompensas?

Porque há de haver afortunados que, por exemplo, nascem no seio do catolicismo — e mal aventurados que vêm á vida em terra infiel; predestinados os primeiros, certamente, a gozar o céu — e os segundos a aumentarem o número das almas condenadas?

Como explicar o fato de serem uns inclinados á prática do bem, que fazem sem esforço — e outros não poderem fazê-lo sem violentar a corrente das suas inclinações, que os arrasta para o mal?

Porque se nega á generalidade dos homens o talento que se concede a uns tantos, se êste talento é uma lâmpada acesa para conhecer-se Deus e as leis da sua soberana vontade?

Porque — a miséria — a baixa condição — a fealdade — as deformidades — a falta de saúde — a humilhação — e os sofrimentos morais, de um lado; e do outro, a abundância — a elevação social — a formosura — a robustez — a glória — e a tranquilidade de espírito?

Não; não pôde ser Deus autor de tantas desigualdades; porque as imperfeições não procedem da perfeição infinita.

O nosso nascimento não é mais que a continuação da nossa perfectibilidade, e um efeito do gráu de progresso que, por nosso livre arbitrio, temos alcançado.

Viemos ao mundo colher o fruto das sementes plantadas em anteriores existências, e semear de novo para a vida futura.

Somos, por conseguinte, nós e não Deus, a causa da diversidade das condições humanas.

A alma, desprendendo-se do seu invólucro corporal, readquire a memória do seu passado, temporariamente perdida, lança a vista para o caminho percorrido e pressente o que lhe falta ainda percorrer, estuda

seus êrrros, examina suas impurezas, mede sua fraqueza e sua força, e busca, em uma série de reincarnações, os meios de purificar-se, de reparar o mal feito, de retificar seu falso juízo e de aproximar-se do seu sapiéntissimo e bondoso Pai, que a espera, para recebê-la em seu seio.

Quão esplendorosa brilha, dêste modo, sobre a Terra, a justiça de Deus!

O homem é filho de suas próprias obras; e as diferenças humanas, filhas são do uso que cada um faz da sua liberdade.

Renascem a paz e a esperança nos corações — brota a verdadeira piedade — revive a fé — progride o homem — e a humanidade progride.

Um suave murmúrio de louvores se eleva da Terra ao céu, porque do céu desce um raio de luz reparadora, que dissipá as trevas e o desalento.

Não se julgue que a justa e consoladora teoria das reincarnações seja exclusiva dêstes tempos e da escola espírita.

Filósofos ilustres da antiguidade sustentaram-na — proclamaram-na os profetas — o próprio Jesus a indicou — prégaram-na os Apóstolos (1) e, posteriormente, continuaram a defendê-la veneráveis doutores da igreja católica, entre os quais, alguns, como Clemente de Alexandria e Gregório de Nicéa, são venerados nos altares cristãos.

Um bispo francês, Monsenhor de Montal, falou das vidas anteriores da alma em uma pastoral que publicou em 1843.

(1) Na terceira parte dêste livro, encontrará o leitor uma multidão de citações comprobatórias da reincarnação da alma, bem como das demais teorias essenciais da escola espírita.